

## «Tribuna do Vate»



**David de Jesus Mourão-Ferreira** nasceu em Lisboa em 1927 e morreu em 1996.

Foi poeta, romancista, crítico e ensaísta. A sua poesia caracteriza-se pelas presenças constantes da figura da mulher e do amor, e pela busca deste como forma de conhecimento, sendo considerado como um dos poetas do erotismo na literatura portuguesa.

Escritor e professor universitário português, natural de Lisboa. Licenciou-se em Filologia Românica em 1951. Foi professor do ensino técnico e do ensino liceal e, em 1957, iniciou a sua carreira de professor universitário na Faculdade de Letras de Lisboa. A sua carreira literária teve início em 1945, com a publicação de alguns poemas na revista Seara Nova. Três anos mais tarde, ingressou no

Teatro-Estúdio do Salitre e no Teatro da Rua da Fé. Publicou as peças *Isolda* (1948), *Contrabando* (1950) e *O Irmão* (1965). Em 1950, foi um dos co-fundadores da revista literária *Távola Redonda*, que se assumiu como veículo de uma alternativa à literatura empenhada, de realismo social, que então dominava o panorama cultural português, defendendo uma arte autónoma. Em 1950, publicou o seu primeiro volume de poesia — *Secreta Viagem*. David Mourão-Ferreira colaborou ainda nas revistas *Graal* (1956-1957) e *Vértice* e em vários jornais, como o *Diário Popular* e *O Primeiro de Janeiro*.

Recebeu, em 1996, o Prémio de Consagração de Carreira da Sociedade Portuguesa de Autores.

Fonte: Wikipédia

### E por vezes as noites duram meses

E por vezes as noites duram meses  
E por vezes os meses oceanos  
E por vezes os braços que apertamos  
nunca mais são os mesmos E por vezes

encontramos de nós em poucos meses  
o que a noite nos fez em muitos anos  
E por vezes fingimos que lembramos  
E por vezes lembramos que por vezes

ao tomarmos o gosto aos oceanos  
só o sarro das noites não dos meses  
lá no fundo dos copos encontramos

E por vezes sorrimos ou choramos  
E por vezes por vezes ah por vezes  
num segundo se envoltam tantos anos.

### "PARAÍSO"

Deixa ficar comigo a madrugada,  
para que a luz do Sol me não constanja.  
Numa taça de sombra estilhaçada,  
deita sumo de lua e de laranja.

Arranja uma pianola, um disco, um posto,  
onde eu ouça o estertor de uma gaivota...  
Crepite, em derredor, o mar de Agosto...  
E o outro cheiro, o teu, à minha volta!

Depois, podes partir. Só te aconselho  
que acendas, para tudo ser perfeito,  
à cabeceira a luz do teu joelho,

entre os lençóis o lume do teu peito...  
Podes partir. De nada mais preciso  
para a minha ilusão do Paraíso.



### As últimas vontades

Deixa ficar a flor,  
a morte na gaveta,  
o tempo no degrau.  
Conheces o degrau:  
o sétimo degrau  
depois do patamar;  
o que range ao passares;  
o que foi esconderijo  
do maço de cigarros  
fumado às escondidas...  
Deixa ficar a flor.  
E nem murmures. Deixa  
o tempo no degrau,  
a morte na gaveta.  
Conheces a gaveta:  
a primeira da esquerda,  
que se mantém fechada.  
Quem atirou a chave  
pela janela fora?  
Na batalha do ódio,  
destruam-se, fechados,  
sem tréguas, os retratos!  
Deixa ficar a flor.  
A flor? Não a conheces.  
Bem sei. Nem eu. Ninguém.  
Deixa ficar a flor.  
Não digas nada. Ouve.  
Não ouves o degrau?  
Quem sobe agora a escada?  
Como vem devagar!  
Tão devagar que sobe...  
Não digas nada. Ouve:  
é com certeza alguém,  
alguém que traz a chave.  
Deixa ficar a flor.



### Canção amarga

Que importa o gesto não ser bem  
o gesto grácil que terias?  
--- Importa amar, sem ver a quem...  
Ser mau ou bom, conforme os dias.

Agora, tu só entrevista,  
quantas imagens me trouxeste!  
Mas é preciso que eu resista  
e não acorde um sonho agreste.

Que passes tu! Por mim, bem sei  
que hei-de aceitar o que vier,  
pois tarde ou cedo deverei  
de sonho e pasmo apodrecer.

Que importa o gesto não ser bem  
o gesto grácil que terias?  
--- Importa amar, sem ver a quem...  
Ser infeliz, todos os dias!

### Penélope

mais do que um sonho: comoção!  
sinto-me tonto, enternecido,  
quando, de noite, as minhas mãos  
são o teu único vestido.

e recompões com essa veste,  
que eu, sem saber, tinha tecido,  
todo o pudor que desfizeste  
como uma teia sem sentido;  
todo o pudor que desfizeste  
a meu pedido.

mas nesse manto que desfiás,  
e que depois voltas a pôr,  
eu reconheço os melhores dias  
do nosso amor.